

**AS RAÍZES DA DIREITA ULTRANACIONALISTA NA ITÁLIA: ANÁLISE DAS
CONDIÇÕES POLÍTICAS, SOCIAIS E ECONÔMICAS À LUZ DO POSSÍVEL
RESSURGIMENTO DO FASCISMO**

**THE ROOTS OF ULTRANATIONALIST RIGHT IN ITALY: ANALYSIS OF THE
POLITICAL, SOCIAL AND ECONOMIC CONDITIONS IN LIGHT OF THE
POSSIBLE RESURGENCE OF FASCISM**

Marcela Sutton Zonzini¹

RESUMO

Este estudo investiga as origens e influências do fascismo e da direita ultranacionalista na Itália, examinando como essas ideologias moldam a política contemporânea do país. Exploramos as raízes históricas do fascismo, destacando a busca pela regeneração nacional por meio da violência e o papel da cultura de massa na sua disseminação. Além disso, analisamos as características compartilhadas pelos grupos de direita ultranacionalista e como questões de imigração, segurança, corrupção e política externa moldam suas agendas. Investigamos o ressurgimento histórico da direita ultranacionalista na Itália, com foco na liderança e políticas de Giorgia Meloni, oferecendo *insights* sobre a persistência dessas raízes ideológicas na política italiana e possivelmente em tendências políticas globais.

PALAVRAS-CHAVE: Fascismo; ultranacionalismo; Segunda Guerra Mundial; Itália; Giorgia Meloni.

ABSTRACT

This study delves into the origins and influences of fascism and ultranationalist rightwing ideologies in Italy, examining their impact on the country's contemporary politics. We explore the historical roots of fascism, its pursuit of national regeneration through violence, and the role of mass culture in disseminating this ideology. Furthermore, we analyze the common features of ultranationalist right-wing groups and how issues such as immigration, security, corruption, and foreign policy shape their agendas. We investigate the historical resurgence of ultranationalist right-wing movements in Italy, with a focus on the leadership and policies of Giorgia Meloni. This provides insights into the enduring influence of these ideological roots in Italian politics and their potential implications for global political trends.

¹ Graduada em Relações Internacionais pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo.

KEYWORDS: Fascism; ultranationalism; World War II; Italy; Giorgia Meloni.

INTRODUÇÃO

O objetivo do artigo é analisar as raízes ideológicas do fascismo e da direita ultranacionalista na Itália, destacando sua influência contemporânea na política do país. Utilizando as perspectivas de estudiosos como Roger Griffin, Robert Paxton, Emilio Gentile e Cas Mudde, nosso objetivo é entender as origens e princípios dessas ideologias, enfatizando a importância da vigilância em tempos de crise política, a busca pela regeneração nacional por meio da violência e o papel da cultura de massa na disseminação dessas ideias. Também examinaremos as características ideológicas compartilhadas por grupos de direita ultranacionalista, explorando como questões de imigração, segurança, corrupção e política externa moldam seu discurso e agenda.

A análise subsequente se aprofundará nas raízes históricas do fascismo na Itália, desde seu surgimento durante o entre guerras até seu impacto duradouro pós-Segunda Guerra Mundial. Destacaremos a evolução do termo “fascismo”, inicialmente associado à solidariedade militar, abrangendo elementos como violência, anti-intelectualismo e rejeição de compromissos políticos. Ao examinar os desafios econômicos e sociais pós-Primeira Guerra Mundial, enfocaremos a Marcha sobre Roma de 1922 como um momento crucial na história do fascismo italiano. Além disso, consideraremos a transformação do *Movimento Sociale Italiano* em *Alleanza Nazionale* após a Segunda Guerra Mundial, indicando uma mudança nas raízes fascistas iniciais em direção a uma abordagem mais moderada.

Na terceira seção, dirigiremos nossa atenção ao ressurgimento histórico da direita ultranacionalista na Itália, examinando a liderança e políticas de Giorgia Meloni. Adotamos como pressuposto que sua ascensão como primeira-ministra pode oferecer uma visão sobre possíveis características fascistas presentes em sua liderança e políticas, contextualizadas pelos desafios econômicos, imigração e polarização política na Itália. Nesse sentido, buscamos explorar as conexões entre o governo de Meloni e a ideologia ultranacionalista de direita, destacando como suas políticas e discursos refletem tendências observadas em outros países com líderes ultranacionalistas.

Esta pesquisa visa não apenas desvendar as origens ideológicas do fascismo e da direita ultranacionalista, mas também lançar luz sobre como essas raízes continuam

a ter influência na Itália contemporânea. A análise abrange o histórico e a realidade política atual, permitindo traçar conexões sólidas entre o passado e o presente, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas políticas na Itália e, potencialmente, fornecendo *insights* relevantes para questões políticas globais.

RAÍZES IDEOLÓGICAS: OS FUNDAMENTOS DO FASCISMO E DA DIREITA ULTRANACIONALISTA

Nesta seção, aprofundamos as raízes ideológicas do fascismo, destacando as perspectivas de estudiosos como Roger Griffin, Robert Paxton, Emilio Gentile e Cas Mudde. Griffin (2015) enfatiza a condição essencial para o surgimento do fascismo, alertando para a necessidade de vigilância em tempos de crise política. Complementando essa visão, Paxton (2007) descreve o fascismo como um comportamento político que busca a regeneração nacional, operando por meio da violência e repúdio às liberdades democráticas. Gentile (1996), por sua vez, destaca o papel crucial da cultura de massa² na disseminação da ideologia fascista na Itália, abordando a estratégia de “espetáculo”² adotada para mobilizar as massas.

No contexto da direita ultranacionalista, exploramos as características ideológicas compartilhadas por grupos como a extrema direita e a direita radical. Segundo Cas Mudde (2019), esses grupos focalizam quatro questões cruciais: imigração, segurança, corrupção e política externa. Abordamos como a imigração é percebida como uma ameaça existencial, a segurança é tratada como uma questão de ordem natural, a corrupção está associada a uma elite política específica, e a política externa vive em uma constante competição de soma zero entre países. Além disso, destacamos o papel central das mídias sociais no fortalecimento da direita

² A Teoria Crítica das Relações Internacionais se baseia em princípios da Escola de Frankfurt, que enfatiza a crítica à dominação, opressão e alienação nas relações internacionais. Gramsci argumentou que a cultura de massas desempenha um papel importante na legitimação do poder e na formação da hegemonia, que é a dominação cultural que ocorre quando as classes dominantes conseguem impor sua visão de mundo como a visão de mundo comum de toda a sociedade. Ele via a cultura de massas, incluindo os meios de comunicação de massa, como uma arena onde ideias, valores e representações são produzidos e difundidos. (Angeli, 2011, p. 130-131). ² Guy Debord argumentou que a sociedade moderna estava sendo cada vez mais dominada por espetáculos, nos quais a realidade era substituída por representações espetaculares e alienantes. Debord também explorou como o espetáculo era usado como um meio de controle social e alienação, onde as pessoas eram incentivadas a consumir produtos e ideologias que perpetuavam a ordem existente. Ele argumentava que o espetáculo servia para ocultar as contradições e opressões subjacentes na sociedade. Tanto Antonio Gramsci quanto Guy Debord discutiram a cultura de massas e os espetáculos, embora de maneiras diferentes. Enquanto Gramsci estava mais preocupado com a hegemonia cultural e a influência das classes dominantes sobre as classes subalternas, Debord focava na sociedade do espetáculo e como a cultura de massas estava transformando a vida cotidiana em um espetáculo alienante e consumista. (Ercolani, 2020, p. 75-76).

ultranacionalista, servindo como uma plataforma para a disseminação de ideias e moldagem da agenda política. Essa interconexão entre as raízes ideológicas, características da direita ultranacionalista e o papel das mídias sociais revela uma dinâmica complexa que influencia a opinião pública contemporânea.

Conceito do fascismo: fundamentos e características ideológicas

Quando se fala de fascismo é importante entender que o movimento por si só não se sustenta, sendo necessário que determinadas condições estejam em curso para que sua manifestação aconteça. Para Roger Griffin (2015), o fascismo se materializa se as instituições políticas passam por dificuldades de gestão e, direta ou indiretamente, permite que correntes de ultranacionalistas, mesmo que discretas, se acumulem e se movimentem nos bastidores da política. Dessa forma, o autor sugere que “o sonho dos fascistas é, de alguma forma, inspirar uma onda irresistível de ‘poder popular’ revolucionário que, no entanto, eles coordenam e controlam a partir de cima.” (Griffin, 2015, p. 90, tradução nossa). Para Griffin:

[...] o fascismo intervencionista incorpora a facciosidade típica de uma aliança forjada provisoriamente por uma causa comum (a derrubada da “velha Itália”) e um objetivo utópico comum (a inauguração de uma “nova Itália”), ambos os quais acomodaram diagnósticos amplamente divergentes e soluções ao nível da análise detalhada. (Griffin, 2015, p. 90, tradução nossa).

De forma similar, para Paxton (2007) o fascismo, quando em uma posição de poder, precisa que o conservadorismo do nacionalismo e da direita radical sejam unidos por um inimigo comum e pela paixão popular de regeneração e purificação da nação. Isto posto, para o autor:

O fascismo tem que ser definido como uma forma de comportamento político marcada por uma preocupação obsessiva com a decadência e a humilhação da comunidade, vista como vítima, e por cultos compensatórios da unidade, da energia e da pureza, nas quais um partido de base popular formado por militantes nacionalistas engajados, operando em cooperação desconfortável, mas eficaz com as elites tradicionais, repudia as liberdades democráticas por meio da violência redentora e sem estar submetido a restrições éticas ou legais de qualquer natureza. (Paxton, 2007, p. 358-359).

Assim, o estudo de Roger Griffin (2015) e o de Robert Paxton (2007) alertam para a necessidade de vigilância constante contra as condições políticas propícias ao surgimento desse movimento. Ao reconhecer o fascismo como um fenômeno que se

enraíza em momentos de crise e descontentamento, é possível trabalhar para fortalecer as instituições democráticas e valores fundamentais, promovendo assim uma sociedade mais resistente a essa ameaça.

Outrossim, Emilio Gentile (1996) emergiu como um estudioso crucial ao destacar a significativa influência da cultura de massa e comunicação de massa no contexto do fascismo na Itália. Sua abordagem vai além da concepção tradicional do fascismo como um mero fenômeno político, adentrando os recantos culturais que moldaram profundamente a sociedade italiana. Uma de suas contribuições centrais reside na análise do papel da propaganda, mídia e cultura popular como instrumentos através dos quais o fascismo disseminou sua ideologia e conquistou o apoio popular. (Gentile, 1996, p. 82).

Sua tese argumenta que o regime fascista foi caracterizado por uma teatralidade intensa, com rituais e símbolos meticulosamente concebidos para fomentar uma sensação de comunidade e pertencimento entre os italianos. O fascismo, sob essa ótica, adotou uma abordagem de “espetáculo” como uma estratégia deliberada para mobilizar as massas e consolidar o poder do regime. (Gentile, 1996, p. 93).

Esta abordagem multifacetada oferece uma compreensão mais abrangente do fascismo italiano, destacando sua complexidade e os múltiplos níveis de adesão e resistência que ecoaram na sociedade da época. Portanto, as contribuições de Emilio Gentile revelam-se fundamentais para uma análise profundada da ideologia. Segundo Mandel (1976, p. 47), o fascismo não se limita a ser a simples ditadura do capital monopolista, mas é uma forma especial de governo com um “executivo forte” e uma ditadura aberta, que se destaca pela completa destruição de todas as organizações da classe operária, incluindo as mais moderadas e até mesmo a social-democracia.

Em síntese, as abordagens de Roger Griffin e Robert Paxton enfatizam a necessidade de monitoramento constante das instituições políticas em tempos de crise, onde o fascismo pode emergir alimentado por correntes ultranacionalistas. A análise de Emilio Gentile complementa essa compreensão ao destacar a influência da cultura de massa no contexto fascista italiano, com ênfase na estratégia de “espetáculo” como meio de consolidar o poder do regime. Assim, a conjunção dessas perspectivas oferece uma visão abrangente do fascismo, destacando sua complexidade e os fatores que contribuem para sua ascensão e disseminação.

Direita ultranacionalista: ideologia e definições

Quando se considera a extrema direita, é comum fazer associações com características ideológicas, tais como o antissemitismo e o racismo, juntamente com aspectos políticos que englobam temas como imigração e segurança. De acordo com Cas Mudde (2019), mesmo diante da considerável diversidade presente no movimento de extrema direita, inclusive dentro dos seus principais subgrupos, a saber, extrema direita e direita radical, observa-se a existência de diversas características ideológicas e temas políticos compartilhados entre distintos grupos e partidos. (Mudde, 2019, p. 31).

Dessa forma, a extrema direita consiste, de maneira geral, em dois grupos, a extrema direita e a direita radical. Enquanto a extrema direita nega os princípios fundamentais da democracia, como a igualdade política e a governança pela maioria, a direita (populista) radical, ao menos teoricamente, expressa apoio à democracia, mas, de maneira fundamental, questiona instituições cruciais e valores associados à democracia liberal – isso inclui desafios aos direitos das minorias, ao estado de direito e à separação de poderes (Mudde, 2019, p. 36). Portanto, a distinção entre os dois não se restringe apenas a uma diferença quantitativa, indicando que a extrema direita seria simplesmente uma forma mais extrema da direita radical, mas também abrange diferenças qualitativas. (Mudde, 2019, p. 36).

À vista disso, Mudde (2019) argumenta que existem quatro questões políticas que são fundamentais para os grupos e partidos de extrema direita em geral: imigração, segurança, corrupção e política externa. (Mudde, 2019, p. 37). Quando se fala da questão da imigração é importante considerar dois problemas: a imigração e a integração das pessoas que chegam nos países. Há muito tempo, a imigração é uma das questões centrais dos grupos de extrema direita na Europa. Para Mudde:

Os partidos populistas de extrema direita geralmente alegam que a “imigração em massa” constitui uma ameaça existencial para sua nação e Estado, enquanto grupos de extrema direita estão mais preocupados com a raça, alegando que os países ocidentais enfrentam um “genocídio branco” devido à imigração em massa e ao multiculturalismo patrocinado pelo Estado. (Mudde, 2019, p. 37, tradução nossa).

Por conseguinte, o quesito segurança, para a direita ultranacionalista, deve ser visto através “da lente de uma ‘ameaça à ordem natural’, criando insegurança, que deve ser enfrentada com mão firme” (Mudde, 2019, p. 38, tradução nossa) e está

diretamente relacionada a imigração. Em conformidade com Mudde, um bom exemplo seria a questão do crime:

Para a extrema direita, o crime é, antes de tudo, uma questão “alienígena”, no sentido de que ela se concentra quase exclusivamente em crimes (alegados) cometidos por “não nativos”. A propaganda da extrema direita menciona “alienígenas” quase exclusivamente como criminosos, e os poucos crimes “nativos” reconhecidos são predominantemente casos de corrupção por elites políticas “progressistas”. (Mudde, 2019, p. 38, tradução nossa).

Por isso, as propagandas políticas e comunicação são permeadas por narrativas seletivas e sugestivas sobre o “crime migrante” ou, em uma perspectiva racial, o “crime negro contra brancos”. Portanto, de acordo com a visão da extrema direita, a única abordagem genuína para conter o aumento da criminalidade é interromper a imigração. (Mudde, 2019, p. 39-40).

Outrossim, a questão da corrupção com frequência se mistura com autoritarismo, nativismo³ e, principalmente, populismo. Assim, na propaganda da direita ultranacionalista a corrupção está ligada a uma “elite” política que é regularmente acusada de roubar o povo, portanto essa elite é “[...] amplamente descrita como ‘a esquerda’, que é acusada de corromper a nação com ideias ‘pós-modernas’ e ‘marxistas culturais’” (Mudde, 2019, p. 40, tradução nossa). Para mais, a extrema direita polemiza, também, que essa elite deturpa o sistema político nacional por meio de fraudes eleitorais. (Mudde, 2019, p. 40).

Por fim, a política externa promovida por grupos da direita ultranacionalista, segundo Mudde (2019, p. 41), está inserida em um mundo de competição acirrada, em que as relações internacionais são um jogo de soma zero:

[...] todos buscam seu próprio sucesso e, assim, quando um ganha, os outros perdem. Isso não significa que ela se oponha a qualquer cooperação internacional ou não se importe com outros países (ou nações), mas sim que isso é, no máximo, secundário em relação às preocupações nacionais (ou raciais). (Mudde, 2019, p. 41, tradução nossa).

Além disso, na maior parte das vezes, os grupos de ultradireita são declaradamente hostis às organizações supranacionais, abrangendo desde a União

³ Nativismo, conforme definido por Cas Mudde, representa uma ideologia que prioriza a preservação dos interesses culturais e étnicos dos habitantes nativos de um país em detrimento de grupos considerados estrangeiros. O nativismo é frequentemente empregado por movimentos e partidos políticos populistas de direita, que, ao enfatizar a proteção da cultura tradicional, buscam angariar apoio popular. (Mudde, 2019, p. 164).

Europeia até a Organização das Nações Unidas (ONU). Apesar de suas críticas à ordem mundial vigente, esses grupos não apresentam visões alternativas claras e tampouco uma perspectiva unificada. (Mudde, 2019, p. 42). Atualmente é impossível deixar de citar o papel das mídias sociais, assim, segundo Mudde (2019, p. 55), o crescimento exponencial das mídias vinculadas à direita ultranacionalista pode ser atribuído, em grande parte, a dois fatores interconectados: o advento das redes sociais e a notável ascensão, bem como aceitação, da direita populista radical. Logo, essas novas entidades midiáticas se auto determinam fornecedoras de “[...] notícias ‘reais’ ou ‘não censuradas’, especialmente sobre as questões favoritas da extrema direita, como crime, corrupção, integração europeia e imigração.” (Mudde, 2019, p. 56, tradução nossa).

Um papel fundamental desempenhado pela mídia é a definição da agenda⁴, impactando diretamente nas questões que os eleitores consideram prioritárias. Nesse sentido, de acordo com Mudde (2019), é possível observar um apoio crescente da mídia à direita populista radical na medida que ela adota suas perspectivas, destaca suas questões e amplifica suas vozes (Mudde, 2019, p. 101). Por isso, Mudde destaca que as mídias adotam, assim, um papel de definidoras de agendas e, por isso:

[...] a mídia está cada vez mais apoiando a direita populista radical, adotando suas perspectivas, questões e vozes. Quando a mídia foca quase exclusivamente em questões como crime, corrupção, imigração e terrorismo - em detrimento, por exemplo, de educação, moradia e bem-estar - as políticas e partidos da direita populista radical são indiretamente tornados mais relevantes. (Mudde, 2019, p. 101, tradução nossa).

Além disso, é essencial reconhecer o papel crucial das redes sociais nesse cenário. Ao oferecer uma oportunidade de contornar os tradicionais guardiões da mídia⁵ e inserir-se no debate público, as plataformas digitais tornam-se um terreno fértil para a disseminação das ideias da direita ultranacionalista. Assim, a interconexão

⁴ A teoria do agenda-*setting*, ou teoria do estabelecimento da agenda, é uma teoria de comunicação que se concentra na influência da mídia na formação da agenda pública. Ela sugere que os meios de comunicação têm o poder de determinar quais tópicos e questões são considerados importantes pelo público e pela sociedade em geral. Teoria do Agenda-Setting argumenta que, embora a mídia não tenha o poder de ditar diretamente o que as pessoas pensam, ela influencia as percepções públicas sobre quais assuntos são relevantes, importantes e merecedores de atenção. Em outras palavras, a mídia não diz às pessoas o que pensar, mas sim sobre o que pensar. (Coleman et al. 2009, p. 147).

⁵ Teoria do *gatekeeping* de Kurt Lewin é uma teoria de comunicação que explora o papel dos editores, jornalistas e outros profissionais da mídia na seleção e filtragem das notícias que chegam ao público. A teoria do *gatekeeping* sugere que esses "guardiões" da mídia desempenham um papel crucial na decisão de quais histórias e informações são incluídas na cobertura jornalística e quais são excluídas. Os *gatekeepers*, que podem ser editores, produtores, repórteres ou outros profissionais da mídia. (Roberts, 2005, p. 3-5).

entre o papel da mídia, a ascensão da direita populista radical e o impacto das redes sociais é evidente, destacando uma dinâmica complexa que molda a narrativa e influencia a opinião pública.

ECOS HISTÓRICOS: FASCISMO, GUERRAS MUNDIAIS E O LEGADO NA ITÁLIA

Na segunda seção, exploramos as origens e ascensão do fascismo na Itália, desde sua ligação com as “fascas” romanas até a fundação do movimento liderado por Benito Mussolini em 1919. Destacamos como o termo “fascismo”, inicialmente usado pela esquerda italiana em associação à solidariedade militar, evoluiu rapidamente com Mussolini para incluir elementos como violência, anti-intelectualismo e rejeição de compromissos políticos.

Ao abordarmos os desafios pós-Primeira Guerra Mundial e a Grande Depressão, enfatizamos como o fascismo surgiu como resposta a problemas econômicos e sociais, culminando na Marcha sobre Roma em 1922. Discutimos o período pós-Segunda Guerra Mundial na Itália, marcado pela criação da República em 1946 e pela transformação do *Movimento Sociale Italiano* em *Alleanza Nazionale*. Sob a liderança de Gianfranco Fini, essa metamorfose político-ideológica indicou uma mudança significativa das raízes fascistas iniciais para uma abordagem mais moderada. Nossa análise expõe assim os eventos históricos, proporcionando uma visão abrangente do impacto duradouro do fascismo na Itália.

As raízes do fascismo na Itália: contexto e ascensão

De acordo com Robert Paxton, o termo “fascismo” teve origem na Itália, e é derivado da palavra “fascio”, que significa na sua forma literal “feixe” ou “maço”. Historicamente, o termo foi associado às “fascas” romanas, um machado rodeado por um feixe de varas que os magistrados romanos carregavam em procedimentos mais públicos para simbolizar a autoridade e a unidade do Estado. À vista disso, antes de 1914, curiosamente, o termo foi usado pela esquerda italiana, nesse período, os revolucionários italianos usaram o “fascio” para evocar solidariedade e comprometimento militares. (Paxton, 2007, p. 13).

Contudo, em fins de 1914, um grupo de nacionalistas de esquerda, liderado por Benito Mussolini, uniu-se para convencer a Itália a entrar na Primeira Guerra Mundial ao lado da Tríplice Aliança. Eles escolheram um nome que refletia tanto a paixão quanto a solidariedade de sua campanha: O *Fascio Rivoluzionario d’Azione*

Interventista ou “A Liga Revolucionária de Ação Interventista”. E, dessa forma, com a campanha bem-sucedida, no fim da guerra, Mussolini passou a usar a palavra “fascismo” para descrever o espírito do pequeno grupo de ex-soldados que se reuniam ao seu redor. Isto posto, oficialmente, o fascismo nasceu em 23 de março de 1919, em Milão, onde centenas de pessoas reuniram-se na sala de reuniões da Aliança Industrial e Comercial de Milão e, na época, Mussolini apelidou seu movimento de *Fasci di Combattimento* em tradução literal: “fraternidades de combate”. (Paxton, 2007, p. 15-16).

Segundo Paxton, o movimento de Mussolini não se baseou apenas no nacionalismo, mas também na violência, no anti-intelectualismo, na rejeição de soluções de compromisso e na desconfiança da sociedade estabelecida. Estas características eram compartilhadas pelos três grupos que compunham a maioria dos seus primeiros seguidores: veteranos de guerra desmobilizados, sindicatos pró-guerra e intelectuais futuristas. Sendo assim, Mussolini tinha seu núcleo central de apoiadores das unidades de combate de elite conhecidas como *Arditi*, os sindicalistas pró-guerra – sendo os aliados mais próximos de Mussolini – e os jovens intelectuais futuristas, que apoiavam o “Manifesto Futurista” de Filippo Tomasso Marinetti. (Paxton, 2007, p. 17).

O ponto exato em que Mussolini abandonou o socialismo é discutível, mas uma coisa era certa para os fascistas: eles não operam no espectro político tradicional de esquerda e direita, eles acreditavam ter superado essas divisões arcaicas da sociedade política tradicional, conforme Paxton (2007, p. 29) os fascistas demonstravam uma clareza: rejeitavam categoricamente a posição no Centro. Manifestavam um desprezo total pela moderação, pela condescendência e por soluções de compromisso típicas do Centro, embora durante sua busca pelo poder, tenham sido obrigados a formar alianças com as elites centristas para enfrentar o inimigo comum representado pela esquerda. (Paxton, 2007, p. 29).

Por conseguinte, uma série de desafios trazidos pela Primeira Guerra Mundial e pela Grande Depressão criaram problemas que nem a legislatura nem o mercado conseguiram resolver, como: as distorções econômicas resultantes de economias de comando central, o desemprego em massa como resultado da desmobilização, a inflação incontrollável, a escalada das tensões sociais e a corrida à revolução social, e a flutuação das moedas. Em acordo com Paxton (2007, p. 67), os tratados de paz do pós-guerra estabeleceram um mundo dividido entre as nações vitoriosas e as

derrotadas, representando um momento crucial nas relações internacionais. Nesse contexto, a Liga das Nações desempenhou um papel significativo, propondo soluções para manter a paz, garantir a independência e integridade territorial dos Estados, assegurar a proteção das minorias nacionais, promover a cooperação entre as nações e organizar o desarmamento global. No entanto, tais esforços foram frustrados e não alcançaram seus objetivos.

Esse fracasso mútuo abriu espaço para a nova fórmula fascista, que prometia resolver conflitos territoriais permitindo que os Estados mais fortes prevalecessem. O fascismo, então, propôs novas soluções para esses desafios, em que os inimigos desempenharam um papel crucial nas ansiedades que alimentaram a imaginação fascista, e a disciplina e energização das massas levariam a seus objetivos concretos. (Paxton, 2007, p. 68).

Com plena convicção de sucesso, Benito Mussolini foi o primeiro a colocar o fascismo no teste da urna eleitoral. Em 16 de outubro de 1919, concorreu ao parlamento por Milão, usando como base o programa original de *San Sepolcro*, que combinava mudanças internacionais radicais e nacionalismo expansionista. Ele recebeu 4.796 votos de 315.165 expressos e, por causa do fracasso total das eleições, o líder fascista realizou mudanças significativas para recuperar o poder na política do país, a adoção do *squadristi*, por exemplo – inventada por alguns de seus seguidores rurais – provoca uma virada substancial em sua base tática. (Paxton, 2007, p. 99).

O *squadristi* implicou na formação de esquadrões armados conhecidos como *Squadre d'Azione*, compostos por seguidores fascistas agressivos que faziam uso das táticas que aprenderam durante a guerra para atacar o que consideravam como inimigos internos. As *Squadre* tiveram seu primeiro ato em Trieste, um porto do Adriático que a Itália havia conquistado da Áustria-Hungria durante a Primeira Guerra Mundial, os radicais incendiaram o Hotel Balkan, sede da Associação Eslovena, e intimidaram os residentes nas ruas (Paxton, 2007, p. 107). De acordo com Paxton:

Nos seis primeiros meses de 1920, os esquadrões destruíram 17 jornais e gráficas, 59 Casas do Povo (as sedes socialistas), 119 Câmaras de Trabalho (as agências de emprego socialistas), 107 cooperativas, 83 Ligas de Camponeses, 151 clubes socialistas e 151 organizações culturais. Entre 1º de janeiro e 7 de abril, 102 pessoas foram mortas: 25 fascistas, 41 socialistas, 20 policiais e 16 outros. (Paxton, 2007, p. 110).

Para mais, Hobsbawm expõe que “treze por cento dos membros do movimento fascista italiano em 1921 (ou seja, antes da ‘Marcha sobre Roma’) eram estudantes.” (Hobsbawm, 1995, p. 150).

Para Paxton, à medida que avançava em 1922, as *Squadre* tornaram-se mais violentas, com esquadrões ocupando cidades inteiras sem resistência das autoridades. Em outubro de 1922, Mussolini ordenou que os Camisas Negras tomassem edifícios públicos, apreendessem comboios e se reunissem em três pontos estratégicos de Roma, enquanto ele, prudentemente, aguardava em Milão na expectativa de algum tipo de represália. Era evidente, naquele ponto, que o governo italiano da época estava mal preparado para enfrentar os desafios impostos pelos violentos atos de Mussolini. (Paxton, 2007, p. 151-152).

Destarte, o primeiro-ministro Facta quase conseguiu bloquear a marcha fascista, mas a situação mudou quando o rei Vittorio Emanuele III recusou-se a assinar um decreto de lei marcial, optando por não desafiar Mussolini, o que claramente poderia resultar em derramamento de sangue, em vez disso, o rei ofereceu a Mussolini o cargo de primeiro-ministro (Paxton, 2007, p. 154-155). Benito Mussolini chegou a Roma em 30 de outubro de 1922 e, com isso, o Rei foi apresentado a duas opções: usar a força contra os Camisas Negras ou oficializar Mussolini como chefe de governo. (Paxton, 2007, p. 155). Portanto, a “Marcha sobre Roma foi um blefe gigantesco que acabou funcionando, e que ainda funciona na ideia que o grande público faz da ‘tomada do poder’ pelos fascistas”. (Paxton, 2007, p. 156).

O fascismo da Itália de Benito Mussolini

Segundo Paxton, Mussolini inicialmente enfrentou limitações em seu poder devido à necessidade de governar em coalizão com aliados conservadores:

Durante quase dois anos, Mussolini, aparentemente, conformou-se em governar como um primeiro-ministro comum num regime parlamentarista, em coalizão com nacionalistas, liberais, e uns poucos *Popolari*. Seu governo seguia políticas conservadoras convencionais na maioria das áreas, tais como a deflação e o equilíbrio orçamentário ortodoxos postos em prática pelo ministro de Finanças Alberto de Stefani. (Paxton, 2007, p. 183).

No entanto, Mussolini enfrentou pressões de seus seguidores mais radicais, que buscavam uma segunda revolução para consolidar o poder fascista. Assim, teve que equilibrar as demandas dos Camisas Negras com a necessidade de manter o

apoio das elites conservadoras, sua capacidade de fazer isso e consolidar seu poder pessoal foi crucial para o regime. (Paxton, 2007, p. 183).

Em 1924, de acordo com Hobsbawm (1995, p. 154), o assassinato de Giacomo Matteotti, líder socialista que denunciou a corrupção do partido fascista, levou a uma repressão ainda mais intensa e à adoção de leis para a defesa do Estado, fortalecendo o poder da administração, controlando a imprensa e dissolvendo todos os partidos políticos, exceto o PNF (Partido Nacional Fascista). Deste ponto em diante, de acordo com Paxton (2007, p. 184), a Itália havia se tornado oficialmente uma ditadura de partido único.

Grande parte dos incentivos fascistas eram direcionados à juventude, promovendo uma ideologia de conformidade e militarização, organizações como a *Opera Nazionale Balilla* e, posteriormente, a *Gioventù Italiana del Littorio*, moldaram a vida das crianças desde a infância até a universidade (Paxton, 2007, p. 237-238). Ademais, Paxton expõe que:

A medida mais drástica da radicalização fascista na década de 1930 foi a adoção da legislação discriminatória contra os judeus. Em julho de 1938, um “Manifesto do Racismo Fascista” anunciou a nova política, que logo foi acompanhada por leis, promulgadas em setembro e novembro, proibindo os casamentos inter-raciais, na linha das leis de Nuremberg nazistas, e excluindo os judeus do serviço público e das profissões liberais. (Paxton, 2007, p. 273).

Em similaridade, Eric Hobsbawm afirma que “[...] Mussolini recebeu de Hitler, um tanto tardiamente, o antissemitismo que estivera de todo ausente do seu movimento antes de 1938, e na verdade da história da Itália desde a unificação.” (Hobsbawm, 1995, p. 143).

O regime de Mussolini perdurou até a Itália se envolver mais profundamente na Segunda Guerra Mundial ao lado de Hitler e do Eixo. Em seu início, Paxton (2007, p. 275) ressalta que o ditador italiano esperava ganhar territórios e prestígio por meio dessa aliança, no entanto, à medida que a guerra se arrastava e as derrotas se acumulavam para o Eixo, ficava claro que a participação italiana estava se transformando em um desastre. Isto posto, as derrotas subsequentes enfraqueceram o regime de Mussolini e minaram sua credibilidade.

Em 25 de julho de 1943, após o desembarque dos aliados na Sicília, o Grande Conselho Fascista votou para restaurar a plena autoridade do rei Vittorio Emanuele

III, destituindo Mussolini e concluíram que o então líder deveria ser preso. (Paxton, 2007, p. 276). Todavia, em setembro um comando alemão liderado pela SS resgatou Mussolini de seu cativeiro no leste de Roma e reinstalou-o como ditador de uma República Fascista com a capital em Saló, no norte da Itália. (Paxton, 2007, p. 276).

A República de Saló, no entanto, teve vida curta e enfrentou forte resistência dos italianos, à medida que os aliados se aproximavam os últimos partidários de Mussolini foram derrotados e o líder é “[...] encontrado em 28 de abril, escondido na caçamba de um caminhão do exército alemão que batia em retirada [...]” (Paxton, 2007, p. 278). Ainda de acordo com Paxton (2007, p. 278), ele foi executado junto com sua amante, Clara Petacci, e seus corpos foram pendurados em um posto de gasolina de Milão após terem sido mutilados pela multidão enfurecida.

O fascismo no contexto do Pós-Segunda Guerra Mundial: movimentos e atos relevantes

O ambiente de guerra na Itália foi um período de mudanças políticas e sociais. Depois do conflito com o regime fascista liderado por Mussolini ter deixado a população italiana desacreditada, de acordo com Paxton (2007, p. 301) a nação italiana embarcou numa caminhada em busca de uma nova identidade política e democrática. A ascensão da República da Itália em 1946 marcou um momento importante na história do país após um referendo popular que resultou na abolição da monarquia. Dessa forma, o período histórico foi marcado por uma série de desafios enquanto a Itália lutava para estabelecer um país estável com uma ordem democrática duradoura. (Paxton, 2007, p. 301).

Neste contexto, surgiu, no mesmo ano, o *Movimento Sociale Italiano* (MSI), uma entidade política que desempenhou um papel de destaque na política italiana do pós-guerra. O partido se identificava, de acordo com Ignazi, na época de sua fundação, com o legado de Mussolini e acabou por despertar nostalgia pelo fascismo, particularmente, no sul da Itália, onde as ações públicas do governo de Mussolini ainda eram lembradas com algum grau de positividade. (Ignazi, 1995, p. 293).

No entanto, a MSI passou por uma transformação significativa em 1994, quando se tornou a *Alleanza Nazionale* (AN) (Ignazi, 1995, p. 312). Este evento serviu como um ponto importante na política italiana, à medida que o partido se distanciava das ideologias fascistas e procurava ocupar um espaço político mais moderado sob a liderança de Gianfranco Fini. A transição embora necessária, segundo Paxton, não foi

isenta de desafios e controvérsias, principalmente com os membros mais radicais que seguiram Pino Rauti no movimento dissidente *MSI-Fiamma Tricolore*, que tinha como obstinação manter uma ideologia política de convenções fascistas e nacionalistas. Enquanto o *MSI-Fiamma Tricolore* não conseguiu ganhar um apoio significativo e teve um impacto limitado na política italiana, a influência da AN foi notável. (Paxton, 2007, p. 302).

As décadas seguintes, embora democráticas não foram simples quando se fala da política italiana, desde a volta da República, a Itália passou por 67 governos até chegar à atual chefe de governo, Giorgia Meloni. Segundo a CNN Brasil (Souza, 2022), na média seriam mais ou menos 13 meses de governo para cada gestão, sendo que o único primeiro-ministro que cumpriu todo o tempo de mandato foi Silvio Berlusconi, entre 2001 e 2006. Durante seu mandato, ele se tornou o primeiro-ministro que mais tempo ocupou o cargo desde o início da República em 1946.

Berlusconi emergiu na cena política italiana na década de 1990, utilizando suas conexões no mundo empresarial e na indústria da mídia para conquistar a posição de Primeiro Ministro. Sua carreira política de estilo populista, no entanto, foi frequentemente assombrada por escândalos e acusações de corrupção, o que levanta questões pertinentes sobre a interseção entre negócios e política (Mello, 2022, p. 13). Nesse contexto, essas instabilidades políticas na governabilidade italiana produziram consequências econômicas e sociais profundas.

RESSURGIMENTO HISTÓRICO: A EVOLUÇÃO DA DIREITA ULTRANACIONALISTA NA ITÁLIA

A ascensão da direita ultranacionalista na Itália, personificada pelo êxito de Giorgia Meloni nas eleições de 2022 como líder do partido *Fratelli d'Italia* e primeira mulher a ocupar o cargo de primeira-ministra no país, é o foco deste capítulo. Exploraremos os traços distintivos da direita ultranacionalista em seu governo, analisando as características fascistas que permeiam sua liderança e políticas. Para compreender esse fenômeno político, é essencial considerar o contexto político e socioeconômico que proporcionou as condições para a ascensão de Meloni. Desafios como a crise econômica global, a questão da imigração e a polarização política moldaram o atual cenário político italiano.

Nesse ambiente, Giorgia Meloni emergiu como uma figura proeminente na extrema direita italiana, com raízes que remontam ao Movimento Social Italiano, originado por fervorosos seguidores de Benito Mussolini. Esta seção explora as conexões entre o governo de Meloni e a ideologia ultranacionalista de direita, destacando como as políticas e discursos do governo ecoam tendências observadas em outros países com líderes ultranacionalistas. Buscamos, assim, fornecer uma análise das características fascistas presentes na política italiana contemporânea, contribuindo para a compreensão das dinâmicas políticas no país.

Os elementos sociais, políticos e econômicos que alimentam a direita ultranacionalista italiana

A crescente popularidade da direita ultranacionalista na Itália pode ser atribuída a uma interação de fatores sociais, políticos e econômicos. Dessa forma, a crise econômica global, especialmente a crise da zona do euro, proporcionou condições para movimentos políticos radicais, enquanto a questão da imigração emergiu como ponto central, alimentando sentimento anti-imigrante. Na Itália, a crise econômica global, destacando-se a crise da zona do euro em 2008, desencadeou uma série de desafios significativos para o país. O impacto da recessão econômica, o aumento do desemprego e as políticas de austeridade implementadas como resposta à crise afetaram profundamente a “[...] capacidade de salvaguardar seus cidadãos perante as exigências da acumulação do capital.” (Cintra; Martins, 2013, p. 104) e, conseqüentemente, a qualidade de vida de muitos italianos.

Além disso, a crise econômica não apenas abalou a estabilidade financeira do país, mas também minou a confiança na classe política tradicional, percebida como incapaz de lidar eficazmente com os desafios econômicos (Empoli, 2019, p. 64). O desencanto generalizado com as instituições estabelecidas tornou os eleitores mais receptivos a alternativas fora do *mainstream*.

Para mais, é preciso destacar os PIIGS, que nada mais é que um acrônimo que representa cinco países europeus que se destacaram pela sua vulnerabilidade e que enfrentaram desafios econômicos significativos durante a crise financeira global e a subsequente crise da dívida soberana na Zona do Euro⁶ a partir de 2008. Os países

⁶ A Zona do Euro é uma união monetária composta por 19 dos 27 Estados-membros da União Europeia, que adotaram o euro como sua moeda oficial. Estes países compartilham uma política monetária comum, coordenada pelo Banco Central Europeu (BCE), mas mantêm políticas fiscais independentes. A criação da Zona do Euro teve

incluídos no acrônimo PIIGS são: Portugal, Irlanda, Itália, Grécia e Espanha; cada um desses países enfrentou desafios econômicos únicos, mas a Itália emergiu como um agente de destaque nesse contexto.

O país, membro fundador da União Europeia, viu-se particularmente impactado durante a crise devido à interconexão de seu sistema bancário com uma dívida pública substancial. Durante o período da crise, a Itália testemunhou uma desaceleração econômica acentuada, acompanhada por uma elevada taxa de desemprego e um crescimento contínuo da dívida pública. As pequenas empresas, que são os maiores empregadores do país, enfrentaram dificuldades para pagar suas dívidas. De acordo com a associação empresarial italiana Cofindustria, o número de falências dobrou desde 2007, e as condições de crédito pioraram, sem alívio à vista (Nordvig, 2014, p. 26).

Em conjunto, segundo Ylan Adler um pouco antes da crise ser iniciada a Itália tinha uma taxa de desemprego de 7%, no entanto “em virtude da crise, as taxas de desemprego subiram na maioria dos países europeus, com a exceção apenas dos países do núcleo como, por exemplo, Alemanha, Holanda e Finlândia. Na Itália, essa taxa passou a rodar na margem em torno de 10%.” (Adler, 2012, p. 21).

Paralelamente, mudanças nas lideranças políticas que ocorreram frequentemente dificultaram a implementação das reformas necessárias – foram em 75 anos, 67 mudanças de primeiros-ministros. Em consequente, essas mudanças constantes resultaram em aumento do desemprego e na precarização do trabalho, especialmente entre os jovens, segundo Adler (2012, p. 34) a taxa de desemprego entre a população mais jovem chegou a quase 30%. Simultaneamente, a questão da imigração emergiu como um ponto central no cenário político italiano. Nesse contexto, é notável a proximidade geográfica entre os países de origem dos migrantes e os destinos receptores. Um exemplo emblemático é a rota que conecta Trípoli, na Líbia, à ilha de Lampedusa, na Itália, percorrendo uma distância de apenas 319 km. (Costa, 2016, p. 6). Segundo o portal CNN Brasil, o número de pessoas que chegaram à Itália em 2023 excedeu 125 mil pessoas. (CNN, 2023).

O aumento dos fluxos migratórios, especialmente durante crises humanitárias, como no caso da Síria, alimentou o sentimento anti-imigrante. A percepção de que a

início em 1999, quando a moeda única foi introduzida eletronicamente, e as notas e moedas entraram em circulação em 2002. A Zona do Euro visa promover a estabilidade econômica e fortalecer a integração econômica entre os países participantes (Reis, 2019).

imigração poderia estar contribuindo para a competição por empregos, pressões nos serviços públicos e mudanças culturais rápidas levou a um aumento nas preocupações e tensões em relação às culturas estrangeiras. Os movimentos políticos radicais na Itália, especialmente os de orientação ultranacionalista, capitalizaram essas preocupações econômicas e sociais. Adotando uma retórica anti-imigrante, esses movimentos apresentaram-se como defensores dos interesses nacionais e prometeram soluções rigorosas para controlar a imigração. (Empoli, 2019, p. 72-73). Esses temas tornaram-se elementos-chave nas plataformas políticas de partidos e movimentos que se destacaram na cena política italiana, contribuindo para a ascensão da direita ultranacionalista.

Por outro lado, o desencanto generalizado com a política tradicional impulsionou o apoio a movimentos fora do *mainstream*, e o ressurgimento do nacionalismo cultural atrai eleitores preocupados com mudanças sociais rápidas. Elementos populistas desempenham um papel significativo, na exploração retórica anti-*establishment* e prometem representar os verdadeiros interesses do povo. No contexto político italiano, o Movimento 5 Estrelas (M5E) representa um fenômeno político multifacetado que desafia categorias convencionais. Segundo Da Empoli:

No decorrer de todo o século XX, a Itália foi o laboratório onde foram conduzidas experiências políticas vertiginosas, frequentemente destinadas a serem reproduzidas, sob diversos formatos, em outras partes do mundo. O fascismo foi a primeira e a que trouxe consequências mais pesadas, mas após a queda do movimento, a Itália também deu à luz o maior partido comunista da Europa Ocidental, tornando-se, assim, o teatro privilegiado de todas as manobras e tensões da Guerra Fria. E quando o Muro de Berlim caiu, a península se transformou no Vale do Silício do populismo, antecipando em mais de vinte anos a grande revolta contra o *establishment* que hoje agita como um todo o hemisfério Norte. (Empoli, 2019, p. 23).

O M5E na Itália é um fenômeno político que transcende as categorias tradicionais de esquerda e direita. Fundado em 2009 por Beppe Grillo e Gianroberto Casaleggio, o partido destaca-se por sua origem na internet, caráter antissistema e abordagem única de democracia direta (Empoli, 2019, p. 30-31). Ao avaliar o encaixe do M5E nos elementos sociais, políticos e econômicos que historicamente alimentam a ascensão da direita ultranacionalista na Itália, encontramos várias interseções e peculiaridades.

A disseminação de mensagens através da mídia e redes sociais é crucial, permitindo que movimentos ultranacionalistas alcancem diretamente o público. O populismo é uma característica distintiva do M5E, refletindo-se na crítica à classe política estabelecida e na promoção do empoderamento do povo. A capacidade de adaptação do M5E a circunstâncias políticas específicas torna difícil categorizá-lo de maneira definitiva, desafiando as categorias tradicionais do espectro político. Por isso, Empoli (2019) destaca que “a força e a resiliência do futuro Movimento 5 Estrelas virão desta combinação inédita: o populismo tradicional que se casa com o algoritmo e dá à luz uma temível máquina política”. (Empoli, 2019, p. 31).

Dessa forma, a instabilidade política, marcada por governos efêmeros e coalizões frágeis, está intimamente ligada à polarização política. Essa polarização, por sua vez, se conecta aos persistentes problemas econômicos. Logo, os cidadãos que sentiram os impactos econômicos em suas vidas cotidianas, questionam cada vez mais a eficácia do governo. Segundo Guglielmo Forges Davanzati e Nicolò Giangrande:

A partir de 2008, o crescimento do PIB foi sempre abaixo de 2% ao ano. No período considerado houve uma severa recessão, cujo ponto mais baixo foi em 2009, com uma queda de -5,5%. Logo, houve uma hesitante recuperação em 2010 e 2011, respectivamente de 1,7% e 0,6%. Em 2012 e 2013, o PIB volta a cair de forma expressiva. De 2014 em diante, o desempenho foi pífio, com um crescimento do PIB lento. (Davanzati; Giangrande, 2019, p. 10)

Assim, a configuração da política italiana contemporânea é influenciada pela interação de elementos sociais, políticos e econômicos. A crise econômica global e as preocupações relacionadas à imigração desempenharam papéis cruciais nesse cenário. Juntamente, é importante destacar o papel que a pandemia de COVID-19 teve na sociedade italiana; as políticas restritivas criaram um sentimento de gota d'água na população do país. Simultaneamente, o desencanto generalizado com a política tradicional propiciou o surgimento de movimentos fora do *mainstream*, como exemplificado pelo fenômeno do Movimento 5 Estrelas (M5E). A disseminação de mensagens através de mídias e redes sociais se tornou crucial, permitindo que movimentos ultranacionalistas influenciem diretamente o público e desafiem as categorias tradicionais do espectro político. Dessa forma, compreender a interseção desses fatores é essencial para entender a ascensão da direita ultranacionalista na

Itália, proporcionando *insights* cruciais sobre a dinâmica da política contemporânea no país.

Elementos da direita ultranacionalista no Governo Meloni e suas características fascistas

Como mencionado anteriormente, governos de orientação ultranacionalista à direita dependem de condições específicas que moldam seu surgimento e popularidade junto à população. Essa vertente política característica se distingue internacionalmente devido aos seus componentes, tais como o nacionalismo extremo, a xenofobia, o conservadorismo social e o populismo.

O exemplo italiano não foge à regra. Em 25 de setembro de 2022, Giorgia Meloni conquistou um feito notável ao transformar seu partido, o *Fratelli d'Italia* (Irmãos da Itália), de uma posição periférica no cenário político para o epicentro do espectro político em um período de apenas uma década. Além de ser a primeira mulher na história da Itália a ocupar o cargo de primeira-ministra, as políticas e discursos de Meloni refletem de forma marcante a retórica ultranacionalista. É digno de nota que esse fenômeno político, a ascensão de Meloni não ocorreu em um vácuo, mas sim em resposta a um conjunto específico de desafios e circunstâncias sociais e econômicas destacados do no tópico anterior.

Giorgia Meloni fez sua entrada na cena política em 2006, assumindo o cargo de vice-presidente do partido Aliança Nacional, ela traçou um caminho que a conduziria a se tornar uma representante da extrema-direita na Itália. Vale ressaltar que a Aliança Nacional, antes conhecida como Movimento Social Italiano, tinha raízes no fascismo, sendo originalmente formada por apoiadores de Benito Mussolini. (Delbarba, 2022, p. 3).

Ao longo de sua carreira, Meloni não apenas se destacou como uma figura de ênfase na extrema-direita italiana, mas também desempenhou um papel fundamental na co-fundação do partido *Fratelli d'Italia* em 2012, após a dissolução da Aliança Nacional. Esse movimento político permitiu a ascensão de Meloni e a consolidação de suas posições ultranacionalistas no cenário político italiano. Segundo Delbarba:

Em mais de duas décadas de militância política, Giorgia Meloni aprendeu a importância da comunicação em seu trabalho. Seu longo percurso desde a juventude permitiu que a líder do partido Irmãos da Itália dominasse todos os fundamentos da comunicação entre a realidade local e o eleitorado, bem como a

importância do contato direto com sua base. (Delbarba, 2022, p. 5, tradução nossa).

Dessa maneira, desde o início de sua carreira política, Giorgia Meloni tem sido uma presença constante em manifestações públicas e comícios regionais, apoiando seus candidatos nas eleições municipais. Além disso, a primeira-ministra italiana mantém uma presença nas principais redes sociais, incluindo Facebook, X, Instagram e TikTok, assim como seu partido, *Fratelli d'Italia*, que também mantém suas próprias contas nas redes sociais, como Facebook, Twitter e Instagram. Como resultado, a utilização dessas plataformas desempenhou um papel crucial na campanha eleitoral de 2022, permitindo que Meloni se destacasse e se conectasse com os eleitores, moldando as narrativas de notícias em tempo real – estratégia muito comum no estilo comunicativo populista, em que ocorre uma disseminação fragmentada da sua ideologia política.

Durante sua vida política a líder do *Fratelli d'Italia*, fez uso do coloquialismo, ou seja, aquelas formas de diálogo informal e espontâneo, se aproximando, assim, do público italiano. Um exemplo de vocabulário coloquial pode ser o uso de “se dar na cara”, uma expressão com um forte impacto figurativo quando inserida em um debate político: “Porque, em vez disso, os trabalhadores pendulares que vivem no Anel Rodoviário, esses, querido governo, estão se dando na cara com o patinete.”, essa frase foi dita em um debate na televisão em 2020. Outra forma de tentar se aproximar do povo é vista em frases como “Claro que iremos até o fim. Defenderemos a família. Defenderemos as crianças. Defenderemos a identidade desta nação que depende da família [...]”, “[...] fará tudo o que for necessário para defender a Itália, suas empresas, seu trabalho, suas fronteiras, sua identidade.” e “[...] porque eu acredito que neste tempo a Itália tem uma necessidade desesperada de defender quem trabalha, nossos pescadores, nossos artesãos, nossos comerciantes, nossos agricultores [...]”, esses exemplos retirados de entrevistas dadas pela líder entre 2020 e 2021 deixam claro a importância que a líder dá à identidade nacional e seu nacionalismo extremo.

Em consequente, muito presente nos discursos de Meloni é o uso de palavras relacionadas à área da guerra, como batalha, defesa, liberdade. Durante a pandemia de COVID-19. A líder criticou as medidas restritivas e adicionou a sua retórica o coronavírus, como inimigo nacional que, de forma semelhante a um invasor estrangeiro, havia prejudicado a situação socioeconômica da Itália. A frase “Nenhum de nós já recuou diante da necessidade de combater o coronavírus, de combater a

contaminação, de deter a contaminação” é um exemplo claro da criação de um “nós”, que representa os italianos, e um “eles” representado pelo estrangeiro, seja ele um grupo de pessoas, adversários políticos ou um vírus.

Em sua campanha, Meloni adotou o lema “A Itália e os italianos em primeiro lugar”, uma frase que condensa de forma sucinta os elementos distintivos que caracterizam um governo ultranacionalista. Seguindo essa orientação de supremacia nacional, a primeira-ministra sustenta uma retórica robusta em relação às políticas anti-imigração, ao controle das fronteiras e à redução das chegadas de migrantes. De acordo a CNN Brasil, Meloni afirmou que não permitirá que a Itália “se torne o campo de refugiados da Europa” (CNN, 2023), após um contingente de quase 10 mil imigrantes ter chegado à ilha de Lampedusa.

Assim, Giorgia Meloni afirma que os italianos enfrentam restrições em suas liberdades, especialmente a liberdade de movimento, enquanto os migrantes têm a permissão de se deslocar livremente. Destacar essa alegada disparidade no tratamento governamental também visa amplificar as queixas daqueles prejudicados, que podem não se sentir adequadamente representados pelas vozes governamentais. (Delbarba, 2022, p. 42). De acordo com Delbarba (2022, p. 42), durante seu discurso no Parlamento italiano em 2019, Meloni diz “O povo sempre votou para dizer basta à imigração, cortar impostos, cortar a burocracia, ajudar as famílias... e vocês fazem exatamente o oposto”, deixando claro sua infelicidade com as políticas migratórias da época. Em sua fala, Giorgia Meloni conseguiu identificar um adversário, reafirmar sua oposição constante a essa figura, incorporar as críticas dirigidas a esse oponente e estabelecer-se como uma defensora das reformas e aspirações populares.

Agindo de forma similar, no primeiro semestre de 2023, um projeto de lei apresentado pelo partido de Meloni pretende multar “[...] italianos que usarem inglês e outras palavras estrangeiras em comunicações oficiais podem enfrentar multas de até € 100.000 (R\$ 550 mil) [...]” (Nadeau, 2023). Esse projeto, embora ainda não tenha se transformado em lei, evidencia a preocupação com relação ao impacto da influência de outras culturas na integridade e na vitalidade da cultura italiana. Portanto, ao agir de forma semelhante, o projeto de lei reflete um sentimento enraizado por Mussolini durante seu governo, de preservação cultural e identidade nacional, que persiste como uma questão relevante no cenário político italiano atual. Apesar de manter discursos contra a União Europeia durante sua campanha eleitoral, Meloni, depois de assumir seu cargo, pouco fez para desafiar a UE. Em sua campanha a líder

direcionava seus discursos para uma pegada eurocética, de forma a contrariar as tarifas do grupo. A líder personificava a Europa, que age em primeira pessoa e se dirige diretamente ao governo italiano em seus discursos e colocava a União Europeia, assim, como uma organização anti-italiana. Na frase “Isso quando eram 8 bilhões, mas agora a Europa chegou e disse ‘Olhem, vocês todos não podem gastar esse dinheiro’.” (Delbarba, 2022, p. 54) fica evidente essa personificação e, também, um de seus grandes temas, a organização interna dos países europeus.

Segundo a Folha de São Paulo, um motivo para a mudança de atitude pode ter “[...] a ver com a guerra na vizinhança: o conflito na Ucrânia levou muitos ultradireitistas, antes críticos à ordem internacional formados depois da Segunda Guerra, a se oporem a Vladimir Putin e se alinharem a Otan.” (Folha de São Paulo, 2023).

Ademais, o governo liderado por Meloni adota medidas que levantam preocupações em relação aos direitos da comunidade LGBTQIA+. Além de proibir a prática da “barriga de aluguel” e do casamento entre pessoas do mesmo sexo, Meloni busca assegurar que “todos os bebês nasçam de um homem e uma mulher” (Nadeu; Guy, 2023). Um exemplo disso é observado em Pádua, situada no norte do país, onde foi iniciado o processo de exclusão dos nomes de mães não biológicas em certidões de nascimento de crianças. Segundo o portal CNN “essas certidões de nascimento pertencem a 33 filhos de mulheres italianas que fizeram inseminação artificial no exterior e depois registraram seus filhos [...]” no país. (Nadeu; Guy, 2023).

Outrossim, fica evidente que Giorgia Meloni governa a Itália a partir da ideologia ultranacionalista de direita. Além disso, é importante ressaltar que os símbolos fascistas não se limitam apenas à sua retórica discursiva, como evidenciado acima, mas também permeiam seu partido e suas políticas. Além de sua história política evidenciar sua afinidade com a ideologia, seu partido mantém o logotipo da chama tricolor, um símbolo historicamente associado ao Movimento Social Italiano. Curiosamente, essa mesma chama tricolor está presente na cripta que abriga os restos mortais de Mussolini, localizada em Bolonha.

Além da evidência física que liga seu partido ao fascismo, Meloni nunca escondeu sua admiração pelo fundador do MSI – Giorgio Almirante, que foi o último chefe do Ministério da

Propaganda fascista. Segundo o portal de notícias BBC, em 2022 “[...] quando se completaram 32 anos da morte de Almirante, a atual vencedora das eleições italianas o homenageou no Twitter, dizendo que foi ‘um grande homem, um grande político, um patriota’.” (Rosa, 2022). Sua ligação com a ideologia fascista fica evidente também quando, durante sua campanha, Meloni retoma em seu partido o lema antigo “Deus, pátria e família”.

Dessa forma, o governo de Giorgia Meloni representa um exemplo de ascensão de uma liderança ultranacionalista de direita na Itália, e sua trajetória política é um estudo de caso no contexto do cenário político global. À medida que sua carreira ganhava impulso, Meloni adotou discursos e políticas, mesmo que muitas ainda sejam barradas ou diluídas no cenário nacional, que destacam o nacionalismo extremo, uma postura contra a imigração e uma determinação na preservação da identidade cultural italiana. Isso ecoa as tendências observadas em outros países, onde líderes de orientação ultranacionalista buscam se afirmar como defensores da cultura e da soberania nacional. As políticas que evidenciam o nacionalismo extremo, a xenofobia, o conservadorismo social e o populismo da Giorgia Meloni são evidências que retomam características do fascismo na atual Itália. Em resumo, a análise deste tópico revela que o governo de Giorgia Meloni na Itália é influenciado pela ideologia ultranacionalista de direita, com fortes conexões com o fascismo do passado.

CONCLUSÃO

Em nossa investigação sobre as raízes da direita ultranacionalista na Itália, pudemos traçar um panorama das origens do fascismo e sua influência na política contemporânea do país. Ao longo deste estudo, exploramos as raízes ideológicas do fascismo, destacando princípios, como a busca pela regeneração nacional por meio da violência e a cultura de massa influenciam na disseminação dessas ideias. Além disso, analisamos as características compartilhadas por grupos de direita ultranacionalista e como questões como imigração, segurança, corrupção e política externa moldam suas agendas e discursos.

Aprofundamos nossa pesquisa nas raízes históricas do fascismo na Itália, desde seu surgimento até seu impacto duradouro, mesmo após a Segunda Guerra Mundial. Observamos como o termo “fascismo” mudou ao longo do tempo, abraçando elementos como a violência, o anti-intelectualismo e a rejeição de compromissos políticos. A Marcha sobre Roma de 1922 emergiu como um marco na história do

fascismo italiano, e a transformação do *Movimento Sociale Italiano* em *Alleanza Nazionale* após a Segunda Guerra Mundial sinalizou uma mudança nas raízes fascistas iniciais em direção a uma abordagem mais moderada e diluída.

Adicionalmente, o artigo discutiu o ressurgimento histórico da direita ultranacionalista na Itália, examinando a liderança e os discurso de Giorgia Meloni. Sua ascensão ao cargo de primeira-ministra representou um acontecimento complexo, que apresentamos a partir de uma perspectiva sobre as características fascistas que permeiam sua liderança e políticas. Contextualizamos esse fenômeno político, considerando os desafios econômicos, a imigração e a polarização política que moldaram o cenário político italiano. Isso nos permitiu destacar as conexões entre o governo de Giorgia Meloni e a ideologia ultranacionalista de direita, que ecoa em tendências observadas em outros países com líderes ultranacionalistas.

É fundamental notar que a ascensão de Giorgia Meloni e seu governo não deve ser vista como um caso isolado, mas como parte de uma tendência global em que líderes de extrema-direita em diversos países buscam se estabelecer como defensores da identidade nacional e cultura. Eles utilizam estratégias modernas de comunicação para criar vínculos sólidos com seus eleitores, apelando para aqueles insatisfeitos com a política tradicional. No entanto, o estudo também aponta que, à semelhança do que ocorreu há 100 anos com o fascismo, essas tendências políticas ultranacionalistas prometem uma “nova era” e uma mudança profunda.

Dessa forma, fica evidente que, mesmo que o fascismo não apareça no país como na época de Mussolini, elementos do fenômeno ainda podem ser encontrados nos discursos e nas tendências das políticas italianas. Mesmo que Meloni tente se distanciar do passado italiano, suas falas e tendências a aproximam de um possível novo fascismo, de forma que as características do antigo fascismo continuam, mas adaptadas ao cenário contemporâneo. As implicações disso não se limitam à Itália, mas têm potencial para afetar as relações internacionais do país, visto que símbolos e declarações que elogiam figuras fascistas podem criar atritos com outros países e organizações internacionais.

A ascensão de Giorgia Meloni e a evolução da direita ultranacionalista na Itália refletem uma série de mudanças e desafios políticos, sociais e econômicos que moldaram o país nas últimas décadas. Nesse contexto, é evidente que a Itália passou por variações desde o período pós-guerra, marcado por uma busca constante por uma identidade política e democrática estável. A história política do país pós-Segunda

Guerra Mundial foi caracterizada por mudanças frequentes no governo, polarização política e desafios econômicos persistentes.

A ascensão de Giorgia Meloni e seu partido, *Fratelli d'Italia*, exemplifica como a crise econômica global e as questões relacionadas à imigração desempenharam um papel fundamental na formação do cenário político italiano contemporâneo. A crise econômica, especialmente a crise da zona do euro, minou a confiança na classe política tradicional e tornou os eleitores mais receptivos a movimentos fora do *mainstream*, como o seu partido.

A retórica e as políticas de Giorgia Meloni refletem os elementos distintivos da direita ultranacionalista. Suas ações políticas, incluindo a ênfase na preservação da identidade cultural italiana, a postura anti-imigração e a tentativa de limitar o uso de línguas estrangeiras, ecoam as tendências observadas em outros países com líderes ultranacionalistas. Além disso, suas conexões com o passado fascista da Itália, como a ligação com figuras como Giorgio Almirante e a adoção de símbolos fascistas, destacam a influência da ideologia ultranacionalista em seu governo e mostram como as características do fascismo ainda continuam presentes no país mesmo décadas depois da morte de Mussolini. Atualmente, é possível dizer que o fascismo se mostra nos pequenos detalhes e nos pequenos elementos de retóricas e discursos, mas mesmo que disfarçado e adaptado ao cenário atual o fenômeno ainda tem todo seu poder e força sobre a população da Itália.

Referências

- ADLER, Yan. **Itália, Crise das Dívidas Soberanas e o Euro**. Brasil: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.
- ANGELI, José Mário. Gramsci, hegemonia e cultura: relações entre sociedade civil e política. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 11, n. 122, p. 123-132, 2011.
- CNN Brasil. **Não permitirei que a Itália se torne o campo de refugiados da Europa, diz primeira-ministra**. 20 set. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/nao-permitirei-que-a-italia-se-torne-o-campo-derefugiados-da-europa-diz-primeira-ministra/>. Acesso em: 24 out. 2023.
- CINTRA, Marcos Antonio Macedo; MARTINS, Aline Regina Alves. **As transformações no sistema monetário internacional**. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2013.

COLEMAN, Renita et al. Agenda Setting. In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas (Eds.). **The Handbook of Journalism Studies**. New York: Routledge, 2009, p. 147161, 2009.

COSTA, Carlos Nogueira. Crise migratória na Europa em 2015 e os limites da integração europeia: uma abordagem multicausal. **Conjuntura Global**, v. 5, n. 1, 2016.

EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos: como as fakes news, às teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. Belo Horizonte: Vestígio Editora, 2019.

DEVANZI, G. F; GIANGRANDE, N. A crise econômica italiana e a proposta do Estado como inovador de primeira instância. **Revista Brasileira de Economia Social e do Trabalho**, v.1, n.0, p. 1-22, 2019. DOI: 10.20396/rbest.v1i0.12560.

DELBARBA, Lorenzo. **Donna, madre, italiana, cristiana. Usi linguistici e strategie comunicative nei discorsi di Giorgia Meloni**. Itália: Universidade de Pádua, 2022.

ERCOLANI, Paolo. Os meios de comunicação, Gramsci e a construção de homem-dirigido. **Revista Novos Rumos**, v. 57, n. 1, p. 75-80, 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Ultradireita europeia corrige rota no discurso de política externa e economia**. 15 set. 2023. Disponível em:

https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2023/09/ultradireita-europeia-corrige-rota-nodiscurso-de-politica-externa-e-economia.shtml?pwgt=i0dc9ndsv7erd0z5w6bp7bjfloul9cg5rnmwow2v2rk4f01u&utm_sourc e=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagift. Acesso em: 22

nov. 2023. GENTILE, Emilio. **The sacralization of politics in fascist Italy**. Massachusetts: Harvard University Press, 1996.

GRIFFIN, Roger. **The nature of fascism**. 1. ed. Reino Unido: Routledge, 2015.

_____. **Fascism**. 1. ed. Reino Unido: Polity Press, 2018.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

IGNAZI, Piero. *The movimento sociale italiano*. In SEICH, Salvatore (ed.). **Deconstructing Italy: Italy in the nineties**. California: Regents of the University of California. p. 292-312, 1995.

MANDEL, Ernest. **Sobre o fascismo**. Lisboa: Antidoto, 1976.

MELLO, Fernando Figueira de. **A Era Berlusconi**: a força da direita na Itália e o relacionamento bilateral com o Brasil. 1ª ed. Brasília: FUNAG - Fundação Alexandre de Gusmão, 2022.

MUDDE. Cas. **The far right today**. United Kingdom: Polity Press, 2019.

NORDVIG, Jeans. **A Queda do Euro**: A Reinvenção da Eurozona e o Futuro do Investimento Global. Brasil: Casa das Letras, 2014.

NADEAU, Barble Latza. **Governo da Itália quer penalizar uso de palavras em inglês para proteger a língua italiana**. CNN Brasil, 2 abr. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/governo-da-italia-quer-penalizar-uso-depalavras-em-ingles-para-proteger-a-lingua-italiana/>. Acesso em: 24 out. 2023.

NADEAU, Barble Latza; GUY, Jack. **Itália começa a remover nomes de mães lésbicas de certidões de nascimento**. CNN Brasil, 21 jul. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/italia-comeca-a-remover-nomes-de-maeslesbicas-de-certidoes-de-nascimento/>. Acesso em: 24 out. 2023.

PAREDES, Norberto. **Irmãos da Itália**: Como partido radical no poder está transformando silenciosamente o país. BCC, 27 ago. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv2kx33ejmxx>. Acesso em: 24 out. 2023.

PAXTON, Robert O. **Anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

REIS, Tiago. **Zona do Euro**: o conjunto de países onde o Euro é a moeda oficial. SUNO, 1 abr. 2019. Disponível em: <https://www.sunno.com.br/artigos/zona-do-euro/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

ROBERTS, Chris. **Gatekeeping theory**: An evolution. EUA: The University of South Carolina, 2005.

ROSA, Paula. **Giorgia Meloni**: Como neofascismo avança na Itália e pode impactar o restante da Europa. BCC, 29 set. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral63079395>. Acesso em: 24 out. 2023.

SOUZA, Renata. **Entenda a crise política que pode levar a Itália ao 68º governo em 76 anos**. CNN Brasil, 16 jul. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/entenda-a-crise-politica-que-pode-levar-a-italiaao-68o-governo-em-76-anos/> . Acesso em: 25 out. 2023.